

PERSPECTIVA E INTERESSE DOS LICENCIANDOS EM ATUAR COM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Mariana Paula Moreira de Oliveira¹

Débora Aldyane Barbosa Carvalho²

José Airton de Freitas Pontes Junior³

RESUMO

O objetivo do estudo consiste em analisar a perspectiva e interesse dos licenciandos para atuar com pessoas com deficiência. O estudo é de caráter descritivo, exploratório e transversal, de abordagem quantitativa e qualitativa. Foi utilizado um questionário e aplicado a do estudo 145 alunos de licenciatura de uma Instituição de Ensino Superior particular. Para a análise dos dados foi utilizada a técnica de análise temática e distribuição de frequências simples e relativa (percentual). Os principais resultados foram: poucos apresentam algum tipo de concordância quanto 1) As escolas tem estrutura física para receber alunos com algum tipo de deficiência (27,8%) e 2) As escolas tem estrutura pedagógica para receber alunos com algum tipo de deficiência (31,8%). Quando ao interesse de atuação com pessoas com deficiência, poucos concordam plenamente que: 1) ...crianças com algum tipo deficiência física (16,5%), 2) ...crianças com algum tipo deficiência intelectual (17,4%). Sobre as principais dificuldades, foram apontadas: i) Formação docente, ii) Infraestrutura física, iii) Estrutura familiar. Já sobre as ações de políticas publicas que poderiam melhorar as condições, foram elencadas: i) Leis específicas e consistentes, ii) Aprimorando a infraestrutura das escolas, iii) Ambientes especializados e iv) Formação de professores. Consideramos que o estudo pode contribuir com o desenvolvimento da formação de professores relacionada a Educação Especial.

Palavras-chave: Educação especial. Formação de professores. Trabalho docente.

PERSPECTIVE AND INTEREST OF UNDERGRADUATES IN WORKING WITH PEOPLE WITH DISABILITIES

ABSTRACT

The aim of this study consists in analyzing the perspective and interest of undergraduates to work with people with disabilities. The study is a descriptive, exploratory and transversal character and quantitative and qualitative approach. A questionnaire was applied to the study 145 undergraduate students of a private higher education institution. For data analysis we used the thematic analysis and distribution of simple and relative frequencies (percentage). The main results were: few have some kind of agreement on 1) Schools have physical structure to receive students with any kind of disability (27.8%) and 2) Schools have pedagogical structure to receive students with any kind of disability (31.8%) When the interest of work with people with disabilities, few fully agree that: 1) ... children with a physical disability type (16.5%), 2) ... some children with intellectual disability type (17.4%). About the main difficulties were identified: i) Teacher training, ii) Physical infrastructure, iii) Family structure. Already on the actions of public policies that could improve the conditions, were listed: i) specific and consistent laws, ii) Improving the infrastructure of schools, iii) specialized environments and iv) Training of teachers. We believe that the study may contribute to the development of teacher training related to Special Education.

Keywords: Special Education. Teacher training. Teaching.

¹ Graduada em Pedagogia pela Faculdade do Vale do Jaguaribe (FVJ). Professora na Prefeitura Municipal de Aracati.

² Doutoranda em Educação Brasileira (UFC) e pesquisadora do Núcleo de Avaliação, Investigação e Medidas Educacionais (NAVE/UFC/CNPq). Docente da Faculdade Vale do Jaguaribe (FVJ).

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Pesquisador do Núcleo de Avaliação, Investigação e Medidas Educacionais (NAVE/UFC/CNPq). Docente da Faculdade Católica Rainha do Sertão (FCRS - Católica de Quixadá) e Faculdade Vale do Jaguaribe (FVJ).

INTRODUÇÃO

Educação inclusiva é um ato democrático para que todas as pessoas possam ter acesso à educação, ao ensino regular. A inclusão é a capacidade de entender e reconhecer o outro para assim ter o privilégio de habituar-se e compartilhar com pessoas diferentes. A Constituição Brasileira de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) reconhecem a necessidade de proporcionar igualdade de acesso e permanência aos alunos a uma educação de qualidade.

Essa perspectiva educacional demanda uma formação específica para atuar com esse público, tendo em vista a peculiaridade de suas características. A formação de professores para atuação com a educação especial tem sido amplamente estudada (INGLES et al., 2014; RAMALHO et al., 2014; GREGOL, GOBBI e CARRARO, 2013; TOLEDO e VITALIANO, 2012), indicando que está havendo esforços nesse sentido.

Essa forma de ensino ainda não é adequada, mas está procurando entrar no processo de adaptação para acolher a todos, melhorando a infraestrutura, o ensino, o material pedagógico e os profissionais que fazem parte desse meio adaptando-se assim ao sistema educativo.

Embora a realidade de uma educação para todos esteja tentando se concretizar, o fundamental é tornar efetivas as políticas existentes para que formas legais possam consolidar o direito de todas as crianças conviverem e aprenderem juntas em espaços regulares de ensino. Para tanto, é necessário que as contradições existentes na estrutura organizacional e estrutura da educação especial no Brasil (HARLOS, DENARI e ORLANDO, 2014) sejam revistas.

O professor com toda a sua formação e sabedoria, deve fazer bom uso da metodologia que deve ser diversificada para poder atender a demanda da classe, dos alunos, sempre dando atenção necessária a cada um, olhando, sentindo, questionando, se comunicando e se socializando sem esquecer-se do papel e da responsabilidade de cada um naquele processo de ensino onde todos são importantes e tanto o aluno como o professor aprendem mutuamente um ensino significativo onde todos assumam sua responsabilidade, sua postura.

O docente deve propor práticas onde o aluno possa se sentir a vontade e assim ele aprenda sem medo e sem receio, em que a comunicação sempre possa ser colocada em primeiro plano já que a comunicação é decisiva para o sucesso da inclusão. É necessário também considerar as limitações de cada um sem elaborar práticas limitadoras. Assim, é importante os professores tomarem consciência de suas limitações e de seus alunos,

afastando-se de práticas pedagógicas norteadas pelas impossibilidades (MAGALHÃES, 2011).

Para atender a demanda da sala de aula é preciso que o professor sempre procure melhorias no seu fazer pedagógico, se especializando na sua formação, instituindo assim mais sentido na diversificação da sua prática, fortalecendo a sua identidade profissional. Para tanto, os professores precisam se sentir capazes de atuar na perspectiva da inclusão. Todavia, o que os estudos (BAHIENSE e ROSSETTI, 2014; FAVORETTO e LAMÔNICA, 2014; FIORINI e MANZINI, 2014; SILVEIRA, ENUMO e ROSA, 2012) mostram que os professores não se percebem preparados para atuar com esse público.

Visto algumas das atribuições para a formação docente para atuação com pessoas com deficiência, problematizamos: qual a perspectiva em relação às pessoas com deficiência os acadêmicos de licenciaturas possuem? Além disso, qual o interesse deles em atuar com esse público? Com isso, o objetivo do estudo consiste em analisar a perspectiva e interesse dos alunos de cursos de licenciatura para atuar com pessoas com deficiência.

METODOLOGIA

O estudo é de caráter descritivo, exploratório e transversal, de abordagem quantitativa e qualitativa. Foi utilizado uma adaptação do questionário de Pontes Jr et al. (2014)⁴ e aplicado ao estudo em 145 alunos de licenciatura de uma Instituição de Ensino Superior particular, localizada na cidade de Aracati – CE, sendo a maioria (42,8%) do curso de pedagogia e do 4º período (44,1%), prevalecendo o sexo feminino (72,4%). A maioria (72,3%) dos participantes é do estado civil solteiro (a). Grande parte dos estudantes é do 4º período (44,1%) e são do curso de Pedagogia (42,8%) (Tabela 1).

Para a análise dos dados qualitativos, foi utilizada a técnica de análise temática (MINAYO, 2000). E para os dados quantitativos, distribuição de frequências simples e relativa (percentual). Utilizamos o programa Excel e SPSS para organização e análise dos dados. Todos os estudantes que participaram do estudo foram voluntários, pois não pagaram e não receberam qualquer valor.

⁴ PONTES JR et al. Perspectivas dos acadêmicos de Educação Física no contexto da Educação Inclusiva. **International Journal of Developmental and Educational Psychology, INFAD (Barcelona)**, v. 3, p. 87-98, 2014.

Tabela 1 – Características dos participantes.

Variável	Fa	%
Curso		
Educação Física	53	36,6
Letras	30	20,2
Pedagogia	62	42,8
Sexo		
Masculino	40	27,6
Feminino	105	72,4
Estado civil		
Solteiro	102	72,3
Casado	35	24,8
Separado	4	2,8
Escolaridade		
1º semestre	2	1,4
2º semestre	11	7,7
3º semestre	14	9,8
4º semestre	63	44,1
5º semestre	4	2,8
6º semestre	48	33,6

Fonte: da pesquisa (2014)

RESULTADOS

Contexto educacional para pessoas com deficiências

Quando perguntados sobre o contexto educacional para pessoas com deficiência, a maioria indica discordância com as condições do contexto educacional (Tabela 2): 1) as escolas tem estrutura física para receber alunos com algum tipo de deficiência (56,9%); 2) as escolas tem estrutura pedagógica para receber alunos com algum tipo de deficiência (51,7%); 3) os professores sabem lidar com os diferentes tipos de deficiências (66,0%); 4) os outros alunos participam da inclusão dos alunos deficientes nas aulas regulares da disciplina (49,3%); 5) a família do aluno com deficiência ajuda na inclusão nas aulas (60,0%); 6) as deficiências físicas são mais fáceis de lidar quando comparada as deficiências intelectuais (40,6%); 7) as deficiências intelectuais são mais fáceis de lidar quando comparada as deficiências físicas (64,8%).

Tabela 2 – Perspectiva de contexto educacional para pessoas com deficiências.

Contexto educacional para pessoas com deficiências	Discordo plenamente	Discordo	Concordo	Concordo plenamente
As escolas tem <u>estrutura física</u> para receber alunos com algum tipo de deficiência	14,6	56,9	27,1	0,7
As escolas tem <u>estrutura pedagógica</u> para receber alunos com algum tipo de deficiência	16,6	51,7	29,0	2,8
Os professores sabem lidar com os diferentes tipos de deficiências	16,0	66,0	13,9	3,5
Os outros alunos participam da inclusão dos alunos deficientes nas aulas regulares da disciplina	8,3	49,3	37,5	4,9
A família do aluno com deficiência ajuda na inclusão nas aulas	9,0	60,0	26,9	4,1
As deficiências físicas são mais fáceis de lidar quando comparada as deficiências intelectuais	10,5	40,6	39,9	9,1
As deficiências intelectuais são mais fáceis de lidar quando comparada as deficiências físicas	15,9	64,8	13,8	5,5

Fonte: da pesquisa

Sobre o interesse de atuação com pessoas com deficiência

Quando indagados sobre o interesse de atuação com pessoas com deficiência, a maioria concorda em atuar com: 1) crianças com algum tipo deficiência física (64,7%); 2) crianças com algum tipo deficiência intelectual (55,1%); 3) adolescentes com algum tipo deficiência física (56,8%); 4) adolescentes com algum tipo deficiência intelectual (50,0%) e; 5) outros públicos com algum tipo deficiência física (57,7%).

Tabela 3 – Interesse para atuar com pessoas com deficiências.

Tenho interesse em atuar com...	Discordo plenamente	Discordo	Concordo	Concordo plenamente
...crianças com algum tipo deficiência física	2,9	15,8	64,7	16,5
...crianças com algum tipo deficiência intelectual	2,2	25,4	55,1	17,4
...adolescentes com algum tipo deficiência física	2,2	20,9	56,8	20,1
...adolescentes com algum tipo deficiência intelectual	0,7	32,6	50,0	16,7
...outros públicos com algum tipo deficiência física	2,2	21,9	57,7	18,2

Fonte: da pesquisa

Quando questionado a opinião sobre quais são as principais dificuldades em atuar com pessoas com algum tipo de deficiência, obtivemos as seguintes categorias de respostas: i) Formação docente, ii) Infraestrutura física, iii) Infraestrutura física e iv) Estrutura familiar. E quando solicitado sobre a opinião em relação a como as políticas públicas podem ajudar na melhoria e na inclusão de pessoas com deficiência tivemos as seguintes categorias de

respostas: i) Leis específicas e consistentes, ii) Aprimoramento da infraestrutura das escolas, iii) Ambientes especializados e iv) Formação de professores (Quadro 1).

Quadro 1 – Categorias sobre dificuldades e ações de melhoria para atuação com alunos com deficiência

Pergunta	Categoria	Exemplos de respostas
Principais dificuldades em atuar com pessoas com algum tipo de deficiência?	i) Formação docente	São muitas as dificuldades, em começar pela falta de preparo dos professores para lidar com a turma que tenha aluno com alguma deficiência (C 2) A formação é o principal obstáculo, pois é quase que inexistente nesses casos. Essa é a maior dificuldade como agir com essas pessoas (C 17)
	ii) Infraestrutura física	A estrutura para qual é recebida essas pessoas com necessidades especiais (C32) (...) estrutura física precária nas escolas (C 51)
	iii) Infraestrutura física	A estrutura para qual é recebida essas pessoas com necessidades especiais (C32) (...) estrutura física precária nas escolas (C 51)
	iv) Estrutura familiar	A própria família muitas vezes não aceita a deficiência do seu filho (C 72) Falta de apoio familiar (C 52)
Pergunta	Categoria	Exemplos de respostas
Qual a sua opinião em relação a como as políticas públicas podem ajudar na melhoria e na inclusão de pessoas com deficiência?	i) Leis específicas e consistentes	Se colocadas em prática às leis já existentes, com certeza teríamos um grande avanço na inclusão das pessoas com deficiência e pessoas mais qualificadas para cuida-las (C19) Com leis mais concretas e eficientes para atender os deficientes (C50)
	ii) Aprimoramento da infraestrutura das escolas	Melhorando a acessibilidade e elaborando projetos para a inclusão de todos Programas específicos (C71) Organizar as escolas, com estruturas físicas para a deficiência (C73)
	iii) Ambientes especializados	Contratar professores especializados para lidar com esse tipo de problema, e também adaptar a escola para essas pessoas (C48)
	iv) Formação de professores	Capacitando professores, de acordo com a deficiência, com aulas de libras, salas dinamizadas, palestras, projetos, etc. (C28) Ofertando qualificação e oferecendo materiais que auxiliem no desenvolvimento das práticas pedagógicas (C49)

DISCUSSÃO

A partir dos resultados é possível perceber que os acadêmicos apresentam discordância em relação à estrutura física e pedagógica das escolas para atuar com pessoas com deficiência. Os estudos de Gallo, Orso e Fiório (2011), ao analisar a acessibilidade da estrutura física de 27 escolas de Chapecó-SC, identificaram que nenhuma das escolas apresentava-se plenamente acessível dentro dos quesitos avaliados: acesso ao prédio, rampas de acesso, tipos de piso,

barras de apoio, entre outras características. Matos e Mendes (2015) identificam que professores da educação especial percebem a estrutura física como problema no ensino para esse público.

Os alunos da licenciatura também apresentam discordância quando se trata da formação docente para atuar com pessoas com deficiência, mostrando que reconhecem essa necessidade. Essa problemática tem sido bastante discutida (INGLES et al., 2014; PITTENGER et. al., 2014; GREGOL, GOBBI e CARRARO, 2013; GARCIA, 2013; RODRIGUES e LIMA-RODRIGUES, 2011). Os estudos de Pittenger et. al. (2014) mostram que os profissionais que atuam com educação especial consideram o tempo de preparação insuficiente. Gregol, Gobbi e Carraro (2013) realiza uma análise dos modelos de formação de professores para atuar com a educação especial no Brasil e Itália, constatando que os dois modelos ainda são carentes de melhorias. No entanto, os autores reconhecem que, apesar de um conceito limitado de aluno com necessidade educacional especial, o modelo italiano apresenta diretrizes que melhor norteiam a formação de professores para atuarem com esse público, estabelecendo os conteúdos, número de disciplinas, carga horária e horas de estágio curricular voltados ao tema da inclusão. Garcia (2013) analisa as políticas de formação de professores para atuar com educação especial e percebe que, apesar do discurso político reconhecer a questão da inclusão no ambiente escolar, considera que ainda há necessidade de discussão sobre a educação inclusiva do ponto de vista pedagógico, bem como a formação e o papel do professor diante dessa nova realidade.

Bahiense e Rossetti (2014) ao analisarem a percepção de professores do ensino fundamental de 6º ano a 9º ano em relação ao ensino de alunos com altas habilidades e/ou superdotação perceberam que esses se sentem inseguros e despreparados para atuar com esse público. Nesse sentido, Ramalho et al., (2014) diagnóstica que os cursos de licenciatura não apresentam conteúdos relacionados a superdotação, implicando em desinformação por não terem estudado esses assuntos.

Especificamente na área de Educação Física, Fiorini e Manzini (2014) realizaram um estudo objetivando identificar problemas encontrados por professores dessa disciplina para incluir nas aulas alunos com deficiência e, a partir disso, propor conteúdos para a formação de professores. De acordo com os resultados da pesquisa, foi possível identificar que os professores sentem dificuldades, entre outras: a) por conta da formação inicial que não ofereceu subsídios para trabalhar com esse público; b) questões administrativo-escolares, referentes a materiais e estrutura física da escola, barreira administrativas para ações dos professores; c) dificuldades atribuídas ao aluno, relacionadas ao grau de deficiência, pois

alguns dependiam da presença do professor, outros não querem participar, dificuldade de compreensão, entre outros; d) em relação à família, pois algumas negavam a deficiência do filho, impediam a participação nas aulas. Com isso, para promover a formação de professores para a atuação com pessoas com deficiência seria necessário um diálogo com os professores a fim de diagnosticar suas dificuldades para que estas possam ser incluídas nos cursos de formação inicial (FIORINI e MANZINI, 2014).

Os acadêmicos também reconhecem que a família é ausente quando se trata de apoio no processo de inclusão da pessoa com deficiência. Silva (2012), ao investigar o relacionamento da família com a escola, encontra algumas vantagens: melhor aproveitamento escolar dos alunos, diminuição dos problemas da escola, uma vez que os pais apresentam crítica e sugestões, melhorando a relação entre os pais e a escola. Todavia, essa relação pode gerar baixas expectativas dos pais em relação à educabilidade dos filhos com deficiência (ALVES e SOBRINHO, 2014). Segundo os autores, isso ocorre devido a percepção de despreparo dos professores para atuarem com esse público, e com isso, em alguns casos, defendem a ideia de seus filhos estudarem em uma instituição especializada, ao invés da escola comum.

Apesar de reconhecerem a necessidade de aprimoramento no contexto de ensino das pessoas com deficiência, os acadêmicos apresentam interesse em atuar com pessoas com deficiência. Em estudo realizado com alunos de Educação Física, identificou-se que os mesmos possuem interesse em trabalhar com público com algum tipo de deficiência (PONTES JR et al, 2014). Em pesquisa (EVERLING et al., 2015) os professores relatam que a boa remuneração e a empregabilidade foram fatores que os influenciaram a escolher formação em educação especial.

Os profissionais que vão atuar na área na maioria das vezes não saem capacitados para exercer bem o ofício, sendo necessárias capacitações para trabalhar com a educação inclusiva dentro da sala de aula, já que a escola tem que acolher todos e tratar de forma igualitária. Para tanto, os professores precisam estar aptos a exercer a sua profissão com todos esses alunos no sistema educacional (PONTES JR et al, 2014).

O professor tem um papel importante nesse processo de ensino aprendizagem, já que ele é o mediador do conhecimento (JESUS e ALVES, 2011). Os docentes, como qualquer ser humano, tendem a adaptar-se a novas situações, diferentes das anteriores. A educação inclusiva não foge a regra. Faz-se necessário que o professor acredite na educação. Pois, é primordial que os docentes acreditem na educação inclusiva não apenas como um metodologia pedagógica diferenciada, mas como uma forma de pensar a função educativa

(ANTUNES, 2008).

A metodologia do professor também tem que buscar ser diversificada a fim de atender a demanda dos alunos com deficiência, pois se ao lecionar ele acreditar que esses alunos são realmente limitados, conduzirá o trabalho de tal maneira que os alunos pouco desenvolverão na sua aprendizagem. Com isso, o professor deve sempre procurar melhorar a sua prática, buscando capacitações para se adequar as novas formas de ensinar, como também compreender as expectativas dos alunos.

Nesse sentido, Luiselli et al. (2013) identificaram as características das atividades propostas pelas escolas que despertam o interesse de alunos com deficiência intelectual e de desenvolvimento. Entre as atividades aprovadas estão as aulas de Educação Física, atividades motoras e caminhadas, em que os pesquisados percebem melhorias como oportunidades de socialização, melhoria do humor, felicidade pessoal, saúde em geral, entre outros.

O corpo docente e todo o ambiente educacional devem oferecer de forma clara uma boa educação no contexto de adaptação dos diferentes receptores da aprendizagem. Ter uma estrutura física condizente com cada realidade e contextualizar o ambiente para todos se faz necessário, proporcionando assim uma educação mais eficaz no que diz respeito aos objetivos previamente estabelecidos.

É necessário perceber também que distinções entre alunos, sejam eles com deficiência ou não, influenciam na aprendizagem e se torna algo vago e errôneo, uma vez que, cada individuo tende a ter seu tempo de desenvolvimento intelectual. Com isso, Magalhães (2011)relata que o processo de aprendizagem de alunos com deficiência não difere muito dos demais, cabendo à escola considerar que existem peculiaridades, e que isso não está relacionado à especificidade da deficiência, mas como a escola lida com isso.

CONCLUSÃO

O estudo atingiu os seus objetivos, pois identificamos que os acadêmicos de licenciatura em Pedagogia, Educação Física e Letras tem a perspectiva de que a escola ainda carece de estrutura pedagógica e física pra receber as pessoas com deficiência, bem como oferecer serviços educacionais de qualidade. No entanto, identificamos que os acadêmicos tem interesse em atuar com crianças e adolescente com algum tipo de deficiência, mas a falta de formação específica ainda é um obstáculo para tal investimento profissional.

Outras possibilidades de estudos podem ser desenvolvidas com maior profundidade, analisando os limites e potencialidade na atuação com pessoas com deficiência, especialmente um grupo focal com profissionais que já atuam na área a fim de identificarmos semelhanças e

contradições na visão dos acadêmicos e dos professores experientes no assunto.

Consideramos que o estudo pode contribuir com o desenvolvimento da formação de professores relacionada à Educação Especial, principalmente nas licenciaturas, vista a demanda diversa de alunos que esse campo de trabalho pode receber.

REFERÊNCIAS

ALVES, Edson Pantaleão; SOBRINHO, Reginaldo Celio. Escolarização de alunos com deficiência e as inter-relações família, escola e gestores públicos da educação especial. **Revista Educação Especial**, v. 27, n. 48, p. 171-184, jan./abr., 2014.

ANTUNES, Celso. **Inclusão: o nascer de uma nova pedagogia** – São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

BAHIENSE, Taisa Rodrigues Smarssaro; ROSSETTI, Claudia Broetto. Altas habilidades/superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2014, vol.20, n.2, pp. 195-208. ISSN 1413-6538.

EVERLING, Kathleen M.; DELELLO, Julie A.; DYKES, Frank; NEEL; HANSEN, Joanna L.; Bernadine. The Impact of Field Experiences on Pre-service Teachers' Decisions Regarding Special Education Certification. **Journal of Education and Human Development**, Vol. 4, No. 1, p. 65-77, March, 2015.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 3, p. 387-404, Jul./Set., 2014.

GALLO, Emanuela Cerutti; ORSO, Kelen Daiane; FIÓRIO, Franciane Barbieri. Análise da acessibilidade das pessoas com deficiência física nas escolas de Chapecó-SC e o papel do fisioterapeuta no ambiente escolar. **O Mundo da Saúde**, São Paulo: vol. 35, n. 2. P. 201-207, 2011.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, v. 18, n. 52, jan./mar., 2013.

GONZÁLES, José Antônio Torres. **Educação e Diversidade: bases didáticas e organizativas**; trad. Ernani Rosa – Porto Alegre: ARTMED Editora, 2002.

GREGUOL, Márcia; GOBBI, Erica; CARRARO, Attilio. Formação de professores para a educação especial: uma discussão sobre os modelos brasileiro e italiano. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2013, vol.19, n.3, pp. 307-324. ISSN 1413-6538.

HARLOS, Franco Ezequiel; DENARI, Fátima Elisabeth; ORLANDO, Rosimeire Maria. Análise da estrutura organizacional e conceitual da educação especial brasileira (2008-2013). **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 4, p. 497-512, Out./Dez., 2014.

INGLES, Maria Amélia; ANTOSZCZYSZEN, Samuel; SEMKIV, Silvia Iris Afonso Lopes; OLIVEIRA, Jáima Pinheiro de. Revisão sistemática acerca das políticas de educação

inclusiva para a formação de professores. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2014, vol.20, n.3, pp. 461-478. ISSN 1413-6538.

JESUS, D; ALVES, E. Serviços educacionais especializados: desafios à formação inicial e continuada. In: Caiado, K., Jesus, D., & Baptista, C. **Professores e educação especial: formação em foco**. Vol II. Porto Alegre: Mediação, 2011.

LUISELLI, James K; WOODS, Kathryn E; KEARY, Patrick; PARENTEAU, Rebecca E. Practitioner attitudes and beliefs about exercise, athletic, and recreational activities for children and youth with intellectual and developmental disabilities. **J Dev Phys Disabil**, n. 25, p. 485–492, 2013.

MAGALHÃES, R. C. B. P. (Org.) **Educação Inclusiva: escolarização, política e formação docente**. 1. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

MATOS, Selma Norberto; MENDES, Enicéia Gonçalves. Demandas de Professores Decorrentes da Inclusão Escolar. **Rev. bras. educ. espec.** [online], vol.21, n.1, pp. 9-22, 2015.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. (5ª ed). São Paulo, SP: Hucitec, 2000.

PITTENGER, Alexis; BARAHONA, Carolyn; CAVALARI, Rachel N. S.; PARENT, Veronique; LUISELLI, James K.; DUBARD, Melanie. Social validity assessment of job satisfaction, resources, and support among educational service practitioners for students with intellectual and developmental disabilities. **J Dev Phys Disabil**, n. 26, p. 737–745, 2014.

PONTES JR et al. Perspectivas dos acadêmicos de educação física no contexto da educação inclusiva. **International Journal of Developmental and Educational Psychology, INFAD** (Barcelona), v. 3, p. 87-98, 2014.

RAMALHO, Jairo V. de A.; SILVEIRA, Denise N.; BARROS, Willian S. e BRUM, Ruth da S.A carência de formação sobre a superdotação nas licenciaturas da UFPEL: um estudo de caso. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2014, vol.20, n.2, pp. 235-248. ISSN 1413-6538.

RODRIGUES, David; LIMA-RODRIGUES, Luzia. Formação de Professores e Inclusão: como se reformam os reformadores? **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 41, p. 41-60, jul./set. 2011.

SILVA, Aldina Maria Santos Ribeiro Cruz e. A importância da interrelação família / escola na formação do indivíduo. **International Journal of Developmental and Educational Psychology - INFAD Revista de Psicologia**, n. 1, vol. 2, p. 247-252, 2012.]

SILVEIRA, Kelly Ambrosio; ENUMO, Sônia Regina Fiorim; ROSA, Edinete Maria. Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo: uma revisão da literatura. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 18, n. 4, p. 695-708, Out./Dez., 2012.

TOLEDO, Elizabete Humai de; VITALIANO, Célia Regina. Formação de professores por meio de pesquisa colaborativa com vistas à inclusão de alunos com deficiência intelectual. **Rev. bras. educ. espec.** [online]. 2012, vol.18, n.2, pp. 319-336. ISSN 1413-6538.